

Aula 5

REFERENCIAÇÃO: UM FENÔMENO TEXTUAL-DISCURSIVO DOS MAIS RELEVANTES PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

META

Mostrar e explicar o funcionamento da linguagem humana em situações de interação, a partir do uso de expressões referenciais, procurando mostrar que mediante seu uso, torna-se mais fácil você entender fenômenos textual-discursivos dos mais relevantes para o ensino da leitura e da escrita; discutir, sobretudo, as características do processo de referenciação; os tipos de expressões referenciais; o fenômeno da recategorização referencial e as funções discursivas das expressões referenciais. Categorias estas extremamente importantes no ensino da leitura e da escrita; explicitar as características do processo de referenciação, a fim de que se entendam suas particularidades em relação a outras formas de se estudar a referência.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: os objetivos desta aula, é que ao finalizá-la você possa: conhecer aspectos básicos envolvidos nas reflexões teórico-analíticas sobre questões de referenciação; compreender que as estratégias de construção de referentes no texto, realizadas por meio de expressões referenciais, constituem um processo, uma ação; refletir sobre as características da referenciação, e, para isso, vamos, mais uma vez, recorrer ao melhor procedimento quando se quer aprender algo (e que tem sido a tônica das aulas deste nosso curso): a observação e/ou reflexão do fenômeno a ser aprendido/estudado.

PRÉ-REQUISITOS

É muito importante que você releia as aulas anteriores (a 1 e a 2), já que esta unidade tem tudo a ver com o que foi estudado e/ou discutido naqueles dois textos iniciais. Vamos dar continuidade ao estudo do texto, mas, agora envolvendo outros recursos linguístico-discursivos que desempenham uma série de funções cognitivas e sociais de grande relevância no/para o ensino da leitura e da escrita, os quais estão, cada vez mais, sendo utilizados no ensino da construção e reconstrução dos sentidos do texto.

Geralda de Oliveira Santos Lima

INTRODUÇÃO

Car@ estudante,

Agora que você já estudou alguns conceitos sobre algumas teorias que buscam mostrar e explicar o funcionamento da linguagem humana em situações de interação, ou melhor, de comunicação, torna-se mais fácil entender o assunto desta aula, do qual vamos tratar a partir deste momento. Iniciaremos mostrando alguns conceitos importantes que certamente irão lhe ajudar no entendimento da referenciação, que é o processo pelo qual os referentes se constroem e se reconstróem. Isso significa dizer que é um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para a compreensão e a produção dos sentidos de textos. O nosso objetivo principal é que você conheça aspectos básicos envolvidos nas reflexões teórico-analíticas sobre essa temática.

Como já foi dito, em aulas anteriores, os estudiosos do texto no Brasil passaram, a partir da década de 90, a apoiar-se em uma visão sociocognitiva e interacional de elaboração e reelaboração dos sentidos. Na primeira aula, você aprendeu que a Linguística de texto tem adotado o pressuposto de que o processamento do texto acontece on-line, simultaneamente em todos os níveis, isto é, de forma processual, enquanto atividades cognitiva, social, discursiva e interacional de construção e reconstrução de sentidos na interação entre dois ou mais sujeitos.

Nesse sentido, os textos são construções coletivas, compartilhadas. E para tratar de relações que podem ser estabelecidas entre abordagens do texto e do ensino da leitura e da escrita, propomos a você, sob uma perspectiva sociocognitivo-discursivo e interacional, no próximo tópico, uma pequena discussão sobre algumas características do processo de referenciação (com as definições de referente e expressão referencial); dos tipos de expressão referencial; do fenômeno da recategorização referencial e das funções discursivas dessas expressões. Iniciamos nossa discussão falando, em linhas gerais, sobre o processo da referenciação.

PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Com o crescimento cada vez maior das pesquisas no campo da cognição, as questões direcionadas, por exemplo, às formas de representação do conhecimento na memória, às estratégias de referenciação, entre outras, passam a ocupar o centro de interesse de diversos estudiosos da área. A título de exemplificação, podemos destacar os trabalhos de Mondada e Dubois (2003), Koch (2002, 2004, 2008), Cavalcante et al (2010), Marcuschi (2008), Salomão (2010), Koch e Cunha-Lima (2005), Adam (2008), Bentes et al (2010).

Esses autores, nas pesquisas atuais acerca da questão da referenciação, têm adotado a perspectiva de que os referentes, a que, Mondada e Dubois (2003) e outros preferem chamar de objetos de discurso, são representações instáveis, constantemente reformuláveis, e não entidades da realidade preexistente à interação. Assim, como você pode ver, os referentes são, nessa perspectiva, construídos e reconstruídos de forma conjunta, negociada, na interação entre enunciadore e coenunciadore em atividades sociodiscursivas.

A referência será aqui definida como atividade de construção colaborativa de referentes como objetos de discurso e não objetos do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003). A ideia central neste ponto é a de que a referência não se dá apenas na relação linguagem – mundo. Para Marcuschi (2007), a referência, na relação face a face, é muito menos uma determinação linguística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação, sem esquecer que a cognição situada exerce um papel central nesse processo de construção. Como se pode ver, essa visão permite compreender a linguagem como forma de ação no mundo, que resulta de uma série de outras ações mais simples, conjuntas e organizadas hierarquicamente, formando, assim, etapas de uma ação central.

Assim, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, a Linguística tem procurado apresentar, a partir das duas últimas décadas, nas suas diferentes vertentes e abordagens, propostas não só para a descrição e explicação da língua, como também para a descrição do processo de ensino/aprendizagem, em que a linguagem passou a ser concebida como uma forma de agir em sociedade e de atividade de interação discursiva no processo de construção do fenômeno textual.

O estudo da referenciação textual tem sido desenvolvido por pesquisadores franco-suíços como Apothéoz ([1995] 2003), Dubois e Mondada ([1995] 2003), Reichler-Beguélín (1989), entre outros, que defendem o enfoque discursivo do fenômeno da referenciação, visto como uma atividade de construção de objetos-do-discurso, objetos estes que, em consonância com esses teóricos, não se confundem com a realidade extralinguística, mas a constroem ou reconstroem no processo de interação. Assim, referir, tal como tratam tais estudiosos, é, sobretudo, elaborar uma discursivização ou textualização do mundo, em que se fundamentam as escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Compartilham também, aqui no Brasil, dessa concepção Ingedore Villaça Koch (1999, 2002, 2003, 2005), Luís Antônio Marcuschi (2002, 2005, 2007), Koch e Marcuschi (1998), Koch e Elias (2006) Cavalcante (2005, 2003), Bentes (2001), Bentes e Rio (2005), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Jubran (2005), que são tomados como base para esta pesquisa.

No interior dessa visão, podemos observar que os falantes, de uma dada língua, designam seres, objetos, fatos, com nomes que no geral são compartilhados pela comunidade que os usa, pois todos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Dessa forma, as categorias são muito mais modelos socioculturais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de constituição (MARCUSCHI, 2005). Nesse sentido, não se toma a língua em termos de um sistema, mas de uma ação social. Para Mondada, numa abordagem que considera a primazia das práticas linguísticas e interacionais conceitualmente postas em ação pelos atores sociais, “a língua não pode mais ser definida como espaço lógico e abstrato de possibilidades, pré-existentes à ação e que a ação apenas atualizaria” (MONDADA, 1995, apud MARCUSCHI, 2005, p. 71).

Assim sendo, a língua, segundo esse linguista, é uma fonte de possibilidades de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo. Trata-se, assim, de observar como os interlocutores fazem para construir um mundo público em sistema de coprodução discursiva, como, por exemplo, a maneira de lidar com objetos de discurso e construí-los. Vemos, pois, que o sujeito não é apenas enunciativo, mas também social e, nesta ação social situada, ele instaura e diz o mundo. As ações verbais são, portanto, conjuntas, situadas, cognitivas e desenvolvidas na convivência humana que é social, cultural e histórica.

Um aspecto importante, também aqui a ser considerado, é o processamento textual que, dentro da concepção de linguagem como atividade interacional, deve ser entendido, segundo postula Koch (2000), como uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociocognitivos. Levando em consideração o seu ponto de vista, o texto é também considerado como um conjunto de “pistas” e/ou sequências textuais que são formadas por elementos linguísticos de diversos tipos, os quais são colocados à disposição dos usuários da língua, durante as práticas discursivas, de modo a facilitar ao falante não só a construção e reconstrução de sentidos do texto, mas também na interação como prática sociocultural. No curso dessas atividades textuais, os sujeitos mobilizam conhecimentos não só linguístico, como também enciclopédico e interacional, que os têm depositados na memória através de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual.

O conhecimento linguístico, propriamente dito, diz respeito ao conhecimento gramatical e lexical. É o que se destina à estruturação do material linguístico na superfície do texto, por meio do uso de elementos de coesão, postos à disposição do falante para realizar a remissão ou a sequenciação do texto, utilizando-se, assim, dos elementos lexicais adequados aos modelos cognitivos. Quanto ao enciclopédico, ou conhecimento do mundo, é o que se encontra armazenado na memória de cada falante. São os conhecimentos que correspondem às proposições a respeito de acontecimentos do mundo;

os que são determinados e adquiridos por meio das experiências socioculturais. É com base nesses modelos que podemos levantar hipóteses, criar expectativas sobre campos lexicais a ser explorados no texto e produzir as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície do texto.

No que diz respeito ao interacional, Podemos dizer que é o conhecimento que o falante tem sobre as ações verbais, ou melhor, sobre as formas de interação através da linguagem. São os do tipo: ilocucional (diz respeito aos propósitos do falante), comunicacional (concernente a normas comunicativas), metacomunicativo (faz com que o produtor do texto evite possíveis perturbações na comunicação) e superestrutural (diz respeito aos modelos textuais no geral). Segundo Koch (2000), a mobilização desses conhecimentos, por ocasião do processamento textual, realiza-se via o uso de estratégias cognitivas, sociointeracionais e textuais, representando o conhecimento procedural que se possui sobre a compreensão do discurso.

Assim, as escolhas a serem feitas durante as ações discursivas dependem não só de características expressas no cotexto (contexto linguístico), mas também das do falante, isto é, de suas crenças, atitudes, opiniões e conhecimentos de mundo depositados na sua memória, o que torna possível a construção e reconstrução dos sentidos previstos pelo produtor do texto e de outros não previstos por ele. Portanto, as estratégias do conhecimento, por meio de inferências, têm a função de facilitar o processamento do texto, quer se tratando do ensino da leitura quer do ensino da escrita.

E para finalizar este tópico, queremos salientar que se denomina de referenciação as várias maneiras de introdução, no texto e/ou discurso, de novos referentes ou entidades, visto que se trata de um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para a produção/compreensão de sentidos de textos. A seguir vamos ver algumas estratégias do processo de referenciação envolvendo as definições de referente e expressão referencial.

REFERENTE E EXPRESSÃO REFERENCIAL

Vamos iniciar este tópico compreendendo o que é um referente e o que são expressões referenciais. Mas antes de prosseguir a leitura desta aula, você vai fazer a leitura de um pequeno texto e, provavelmente, no texto que você vai ler, agora, serão mencionados certos elementos linguísticos que chamaremos de referentes ou objetos. Alguns desses referentes ou entidades que são recorrentes na história e/ou no texto escrito poderão aparecer mais de uma vez, de modo que, a cada vez que aparecerem, precisarão ser nomeados. A título de exemplificação do que acabamos de afirmar, vamos à leitura do texto proposto:

Texto 1

Aconteceu em Minas: uma mulher traída cortou o cabelo da amiga... Pois é, foi assim mesmo. Uma descobriu que a outra tava saindo com o marido da uma. Complicado? Na verdade não... se fosse só a clássica história de traição não teria nada demais. Mas a mulher traída era uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar. Sabendo que o ponto fraco feminino são as melenas, não contou tempo: cortou tudo! Isso mesmo, fez com que a “amiga” fosse pra casa careca. As mulheres sabem como se vingar... Mas a história não acaba aqui. A careca entrou na justiça e processou a “cabeleireira louca” em 4 mil e 800 reais. Sim, e mais 600 reais pela peruca... Pois é... coisas do universo feminino.

Disponível em http://www.psicologoneurotico.blogspot.com.br/2004_07_01_archive.html. Acesso em 11 de setembro de 2011.

Nesse exemplo, é possível perceber a presença de alguns objetos, algumas entidades que se manifestam no texto e para as quais construímos representações originadas do processo de leitura. Verifiquemos alguns dos referentes mais salientes, com as expressões referenciais correspondentes, vejamos:

- a mulher que foi traída: “uma mulher traída”; “Uma”; “da uma”; “a mulher traída”; “uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar”; “cabeleireira louca”. Além da elipse antes dos verbos “contou” e “cortou”;

- a amiga traidora: “da amiga”; “a outra”; “a amiga”; “a careca”;

- o marido da mulher traída: “o marido da uma” (observe que, para haver um referente, não é necessário que haja um conjunto de expressões referenciais; uma única expressão referencial já é suficiente para que o referente se configure);

- os cabelos da amiga traidora: “o cabelo da amiga”; “tudo”;

Além desses referentes mais individualizados, há outros mais “gerais”. As expressões “as melenas” e “as mulheres”, por exemplo, não remetem, respectivamente, à cabeleira específica de alguém ou a um grupo determinado de mulheres, mas, sim, à noção de cabelo e à classe de mulheres de maneira geral. Logo, essas expressões têm uma referência não individualizada.

Há, também, referentes menos salientes, como o estado de Minas Gerais (estabelecido pela expressão “Minas”). E há os referentes que, diferentemente dos exemplos destacados (os quais remetem a objetos mais “concretos”), representam objetos mais abstratos, como “traição”, “tempo” e “justiça”. No final das contas, os objetos referidos em um texto podem ser de natureza diversa: mais ou menos individualizados, mais ou menos salientes; mais ou menos concretos.

Mediante o exposto, você já pode começar a formular alguns conceitos. Perceba que, para a construção dessa história o seu produtor precisou

lançar mão de recursos linguísticos que lhe permitiram nomear os objetos que (re)elaborou durante o seu processo de construção dos sentidos do texto e/ou discurso (oral/escrita). Podemos dizer, em outras palavras, que, para estabelecer os referentes (ou objetos necessários à coerência textual), você utilizou expressões referenciais, que são recursos linguísticos que manifestam os referentes no cotexto. Em outras palavras, você “realizou” o processo da referenciação. Portanto, esse processo diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos-de-discurso) depreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. No texto em questão, um exemplo de referente seria o personagem principal da história: a mulher que foi traída. As diversas expressões que são utilizadas no texto que você leu para se reportar a essa mulher (“uma mulher traída”; “Uma”; “da uma”; “a mulher traída”; “uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar”; “cabeleireira louca”) são as expressões referenciais.

Dessa forma, o referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na grande maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais. Você já deve ter percebido que os referentes remetem a conteúdos “nominais”, noções que, quando são elaboradas linguisticamente, têm natureza substantiva. Por isso é que as expressões referenciais são, geralmente, sintagmas nominais (palavras ou grupos de palavras cujo núcleo é um substantivo ou um pronome substantivo).

Para terminar este tópico, é preciso destacar a relevância dos referentes e das expressões referenciais para a produção/compreensão de textos, ou melhor, para o ensino da leitura e da escrita. Os referentes “jogam” em diversas posições, dentre as quais destacamos: o papel na organização da informação; a atuação na manutenção da continuidade e progressão do tópico discursivo; a participação na orientação argumentativa do texto. A nosso ver, o referente e as expressões referenciais, que diz respeito à referenciação e à progressão textual estão profundamente enraizados na dinâmica sociocognitiva e discursiva da interação. Discutiremos, em seguida, algumas características da referenciação.

Leia também

O texto Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso de Ingedore KOCH, no link abaixo

www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.../

Ingedore_Koch

CARACTERÍSTICAS DA REFERENCIAÇÃO

Do estudo que foi feito até agora, foi possível compreender que a estratégia de construção de referentes no texto, realizada por meio de expressões referenciais, é um processo, uma ação. Falta, contudo, explicitar as características desse processo, a fim de que se entendam suas particularidades em relação a outras formas de se estudar a referência. É isso mesmo: existem outras possibilidades de se estudar o processo de referir que são diferentes da proposta da referenciação. Aqui, nós estudaremos essa proposta em função da sua grande aceitação nos estudos mais atuais, mas, principalmente, em função de ser esta a proposta que se enquadra no panorama de estudos linguísticos que privilegiam a interação social, e este foi o princípio escolhido para nortear os estudos desta disciplina. Vamos, então, refletir sobre quais seriam essas características:

- A atividade de referenciação é uma elaboração da realidade

Leia os textos a seguir:

Texto 2

Bem, eu não sou preconceituosa. Tenho raiva de quem tem. Hoje em dia a opção sexual é de cada um não sei por que existem pessoas que discrimina os gays e as lésbicas, eu tenho amigos e amigas que têm gostos diferentes, e nunca interferir na vida deles, só aconselho para tomar cuidado porque as doenças transmissíveis muitas delas não tem cura. O melhor mesmo é si cuidar e curtir a vida como nos proporciona independentemente de cada um si realmente a pessoa é o que é porque se esconder pra que se esconder [...].

Texto 3

Ser um homossexual é um direito de cada um. As pessoas tem o direito de escolher o prazer que quer, sente-se bem, o preconceito é coisa de pessoas atrasadas não adianta mostrar essa coisa, as pessoas não tem o direito de julgar o prazer do sexo de ninguém. Esse comportamento é o direito de escolha de cada um, se um pai tem um filho geie, aceite, pois este foi o prazer que ele escolheu, para ele viver a vida dele, pois o sexo é bom ao prazer de cada um [...]

É possível perceber que os dois textos têm, pelo menos em princípio, um referente em comum, que, no texto (2), se manifesta por um conjunto de expressões para categorizar “a opção sexual de cada um”, e, no texto (3), por um conjunto de expressões que giram em torno da expressão “um homossexual”. Ou seja, os dois textos falam de pessoas que, numa

determinada sociedade, são discriminadas (“os gays e as lésbicas”) e que enfrentam, de alguma forma, o preconceito social. O que chama a atenção, ao compararmos os dois textos, é que, embora tratem de um mesmo tema (a questão do homossexualismo), a maneira como esse referente é construído é diferente os dois textos analisados.

Você já deve ter ouvido algum comentário de que, para um fato, há sempre várias interpretações. Para a referenciação, essa ideia é muito preciosa. Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados. É, pois, muito importante que isso fique claro, pois esse é o principal pressuposto da referenciação: os eventos, os fatos, os acontecimentos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, nem estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido.

- A atividade de referenciação é uma negociação entre interlocutores

Do jeito que foi colocado até aqui, um provável entendimento a respeito dessa questão de reelaboração da realidade seria achar que, quando utilizamos a língua, somos completamente livres para fazermos as construções que quisermos, de acordo com os nossos desejos pessoais. Ou seja, o processo seria totalmente subjetivo. Mas tudo seria muito simples se assim o fosse. As coisas são mais complexas. Para se ter uma ideia, voltemos ao texto (1) “Aconteceu em Minas”, aquele que fala da traição conjugal. Num primeiro olhar, podemos achar que se trata de um texto absolutamente “normal”, que narra, de forma fiel, um acontecimento pitoresco, sobre o qual são feitos alguns comentários. Perceba, contudo, que o produtor do texto, ao usar expressões como “a careca” e “a cabeleireira louca”, determina uma forma de interpretar esses dois referentes. Então, dizemos que esses referentes passaram por uma reelaboração e/ou recategorização. Se o mesmo fato fosse narrado pela amiga traidora ou por alguém solidário a ela, talvez a expressão “a careca” não aparecesse, e isso significaria mudança na construção do referente. O mesmo pode ser dito em relação à mulher traída e à expressão “a cabeleireira louca”. E, se a mesma história fosse textualizada pelo marido, provavelmente os referentes seriam outros.

Isso quer dizer que, nas interações, as ideias não se processam isoladamente na mente de cada sujeito, mas depende de como cada um percebe a ação dos outros participantes de uma interação. A partir dessa percepção resultante do agir, vão-se estabelecendo as construções negociadas dos referentes. O que acontece é que essa elaboração (e/ou reelaboração) dos sentidos do texto é resultante de uma negociação entre os participantes. Em vez de ser um processo subjetivo, trata-se de um processo negociado, cooperativo, intersubjetivo.

-A atividade de referenciação é um trabalho sociocognitivo

Já sabemos que a referenciação implica um trabalho de elaboração da realidade, o que demanda uma negociação entre os participantes de uma interlocução, a fim de que essa elaboração atenda às necessidades de cada interação. A concepção sociocognitiva da linguagem vê a língua como lugar de interação social e a construção e reconstrução de referentes nos textos/discursos como resultado de uma negociação de sentidos estabelecida entre sujeitos envolvidos em um contexto de interação verbal, os quais partilham de uma mesma memória discursiva (e social). O que significa dizer que o contexto de uso aliado à interação verbal do sujeito e à negociação de sentido estabelecida com o interlocutor são fatores determinantes na recategorização dos objetos de discurso (referentes) via o uso de processos de referenciação. Fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para o ensino da leitura e da escrita. Esses mecanismos nos permitem produzir e compreender os referentes de um texto.

Falar em atividade cognitiva, dentro da referenciação, não significa falar exclusivamente nos processos mentais, nas formas de raciocínio que são utilizadas para produzir e interpretar textos. No interior da proposta teórica que vem sendo abordada, durante todas as nossas aulas, o aspecto cognitivo não pode ser desvinculado do aspecto social. O aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual é originado, pois, das experiências sociais dos indivíduos. Esses conhecimentos estão sempre sujeitos a mudanças e adaptações conforme essas experiências vão acontecendo. Mediante essas reflexões, discussões e observações, aqui vistas, podemos dizer que o processo de construção dos referentes é um fenômeno sociocognitivo e interacional.

CONCLUSÃO

O propósito desta aula era salientar a importância que têm para o ensino, o uso de algumas funções cognitivo-discursivas na construção e reconstrução dos sentidos do texto, numa perspectiva sociointeracional e cognitiva que vê a língua como lugar de interação social e a reelaboração de referentes na superfície textual como fruto de uma negociação de sentidos estabelecida entre sujeitos envolvidos em uma situação de interação sociodiscursiva e cognitiva.

Acreditamos ter mostrado que o contexto de uso aliado à interação verbal do sujeito e à negociação de sentido estabelecida com os interlocutores do discurso são fatores determinantes no ensino da leitura e da escrita, via o uso de processos de referenciação. Isso quer dizer que a atividade referencial ou de referenciação é cognitiva e social, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.



RESUMO

Vemos, então, que o processo de referenciação é essencialmente sociocognitivo e interacional. De um lado, o aspecto social põe em relevo a necessidade de analisarmos os referentes linguístico-textuais, envolvendo as expressões referenciais, sob o foco dos vários fatores sociais que interferem na configuração textual e que se localizam além dos fatores estritamente linguísticos. Por outro lado, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando para tanto o conhecimento proveniente de seu conhecimento de mundo. Já sabemos que a referenciação implica um trabalho de elaboração da realidade, o que demanda uma negociação entre os participantes de uma interlocução, a fim de que essa elaboração atenda às necessidades de cada interação. Conhecer as características de referenciação é, portanto, compreender um mecanismo de estruturação textual absolutamente fundamental. O estudioso da Linguística precisa dominar esse conhecimento, inclusive para reconhecer as possibilidades de sua aplicação no universo do ensino da leitura e da escrita. Além disso, os saberes extralinguísticos, assentados nos modelos cognitivos, armazenados na memória dos usuários da língua, desempenham importante papel na organização do texto e, conseqüentemente, no ensino da leitura e da escrita.



ATIVIDADES

Como proposta de trabalho, você deve ler o texto a seguir:

Texto 4

A águia, após ter o filhote, acomoda-o em um ninho bem confortável. Ela coloca pedras, gravetos, folhas e, por último, palha. O ninho fica macio, gostoso, e ela o alimenta. Mas, quando o filhote já tem condições de voar, ela o força a sair do ninho. Primeiro, ela tira a palha; depois, as folhas, os gravetos, deixando somente as pedras. Como as pedras o machucam, o filhote não tem escolha, ele é obrigado a voar. E ela o ajuda. A princípio, um voo tímido. Ela o deixa cair... Quando ele pensa que não tem mais jeito, ela dá um rasante e o pega, levando-o de volta, para novas tentativas de voo, até que ele consiga voar sozinho, alcançando as alturas. (Disponível em: <http://tvmissionaria.ning.com/> Acesso em 16/02/2010).

Provavelmente, nesse texto que você acaba de ler, foram mencionados certos elementos que são chamados referentes, certamente, alguns desses referentes são recorrentes na narrativa e, poderão aparecer mais de uma vez, de modo que, a cada vez que aparecerem, precisarão ser nomeados. Isto é, diante da necessidade de esses referentes aparecerem novamente, ou de eles serem retomados, são possíveis, entre outras, as seguintes formas de menção: a repetição do termo já utilizado; a utilização de um pronome; a elipse; a utilização de outro item lexical, de uma outra palavra ou expressão, que poderia, inclusive, exprimir algum ponto de vista do produtor do texto.

Agora, faça uma análise do texto que você leu; escolha um dos objetos de discurso (referentes) que aparecem no texto lido e veja como esse referente vai sendo mencionado, de acordo com o modo como vai sendo construído e reconstruído ao longo do texto.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O texto, uma narrativa inserida em um gênero de autoajuda de um discurso religioso, é recheado de cadeias referenciais, isto é, cadeias anafóricas diretas com antecedentes, ou âncoras, com realização no cotexto. Assim é que, após ser introduzida uma entidade como “a águia”, o referente é reiterado, retomado, por meio de outras formas linguísticas, quer dizer referenciais, de modo que o referente ou objeto de discurso permaneça em foco.

Tais ocorrências prototipificaram as chamadas anáforas correferenciais em estudos do texto, porque são mais facilmente identificáveis, pela relação direta que uma forma referencial mantém com a outra. Todavia, no momento em que admitimos que a correferencialidade se traduz como uma retomada de um objeto já introduzido no texto/discurso, não estamos nos restringindo, por essa definição, a uma manifestação explícita desse referente no cotexto, o que consentiria outras espécies de retomada.

Assim, quando o produtor do texto afirma em (4), por exemplo, “o filhote não tem escolha”, o leitor já infere, pelas pistas contextuais, de que “escolha” se está falando: a do primeiro voo, ou a decisão de voar por estar sendo forçado a isso. Esse referente já vinha sendo elaborado desde o início da enunciação, sem que possamos precisar exatamente onde, porque as âncoras não são pontuais nem únicas. Poderíamos, então, dizer que “escolha” constitui um caso de anáfora indireta, isto é, de não-correferencialidade, porque só aparece no cotexto nesse momento e porque encapsula o que vem posteriormente: “ele é obrigado a voar”?

Então, para concluir, podemos dizer que o referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na grande maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais.



AUTOAVALIAÇÃO

Após a leitura desta aula, serei capaz de compreender que o processo de referenciação é essencialmente sociocognitivo e interacional? Fazer retomadas no cotexto, dando origem às cadeias referenciais? Será que entendi, realmente, o que sejam as características da referenciação? E o processamento referencial é cognitivamente motivado no sentido de que os interlocutores do discurso selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando para tanto o conhecimento proveniente de seu conhecimento de mundo? Aprendi que os saberes extralinguísticos, assentados nos modelos cognitivos, armazenados na memória dos sujeitos, desempenham importante papel na organização do texto e, consequentemente, no ensino da leitura e da escrita?



PRÓXIMA AULA

Oralidade e escritura: duas propostas de ensino para a leitura significativa através do texto, na qual procuraremos ressaltar a importância do texto oral para/no ensino da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84. (Clássicos da Linguística).

_____; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER; REICHLER-BÉGUELIN (Eds.) Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l' Université de Neuchâtel, 1995.

BENTES, Anna Cristina. **Processo de referenciação em duas configurações narrativas**: o conto popular e a história oral. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 41, p. 177-189, jul./dez. 2001.

_____; RIO, Vivian Cristina. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265-91.

- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 105-18, Jan./Jun. 2003. p. 9-39.
- _____. A construção do referente no discurso. In CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. P. (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexto, UFC, 2004.
- _____. Anáfora e dêixes: quando as retas se encontram. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-49.
- _____. KOCH, Ingedore G. Villaça. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; et al (Org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.(Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177- 190. (Clássicos da Linguística).
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 93-102, Jan./Jun. 2003.
- _____. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-41.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 41, p. 75-89, jul./dez. 2001.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002a.
- _____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Veredas, **Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v.6, n. 1, p. 31-41, 2002b.
- _____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A.C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- _____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. Delta, n. 14, p. 169-90, 1998.
- _____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais.** Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

_____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Org.). **Linguística e cognição.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**, Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

_____. **Atos de referenciação na interação face a face.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 41, p. 37-54, jul./dez. 2001.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org.). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

_____; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Clássicos da Linguística).

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação.** Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Linguística).

ZAMPONI, Graziela. Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações. Campinas, 2003. Tese (doutorado em Linguística) – **Instituto de Estudos da Linguagem**, Universidade de Campinas, 2003.